

**FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS ALTO PARANAÍBA
FATAP**

ÂNGELA MARIA DA SILVA MARQUES

DESEJO, CULPA E FRUSTRAÇÃO EM LEITURA FREUDIANA

VITÓRIA

2021

**FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS ALTO PARANAÍBA
FATAP**

DESEJO, CULPA E FRUSTRAÇÃO EM LEITURA FREUDIANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito de aprovação para a obtenção do título de Especialista em Psicanálise clínica da Faculdade de Tecnologia e Ciências Alto Paranaíba – FATAP.

Orientador: Prof. Dr. Waldecir Manoel Francisco Santos

VITÓRIA

2021

RESUMO

Este artigo tem como proposta tecer algumas considerações sobre o texto *Os Arruinados pelo Êxito*, de Sigmund Freud, que traz a questão da frustração diante de expressão de desejo. Para Freud, é uma questão que se faz por forças inconscientes, onde o sujeito não vivencia a experiência no âmbito da realidade. São casos que se apresentam em sessões de pacientes de Freud, como também detectados por ele em textos literários. Resguardadas as suas peculiaridades, apresentam entre si o sintoma da culpa que os impede de passar do princípio do prazer para o princípio de realidade, e isso remete ao Complexo de Édipo, segundo Freud.

Palavras-chave: Desejo. Culpa. Frustração. Freud.

As consciências manchadas descarregam seus segredos nos surdos travesseiros...
(William Shakespeare)

INTRODUÇÃO

Em seu texto *Os arruinados pelo êxito*, Freud (1856-1939) traz a questão da frustração que ocorre diante da realização de algo que foi fortemente almejado. Esse sentimento, em geral, surge em consequência da não realização de um desejo, de uma decepção ou de uma falha. Logo, frustrar-se é estar impedido de obter um “objeto de desejo”.

O termo objeto designa, nesse contexto, tudo que é externo ao sujeito. Então, abrange algo concreto ou abstrato que se encontra na realidade. Logo, se diante da iminência em obter ou conseguir algo, surge a negação ou desistência do indivíduo em vivenciar ou desfrutar desse ganho, tendo, portanto, que se investigar. A observação de Freud se dá tanto nas sessões de análise de seus pacientes, no consultório, dos quais, ele apresenta dois casos, como também em textos ficcionais. Aqui, ele recorre a duas obras da dramaturgia para ilustrar a questão proposta. São

elas: *Macbeth*, de William Shakespeare (1564-1616), e *Rosmersholm*, do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen (1828-1906):

Parece ainda mais surpreendente, e na verdade atordoante, quando na qualidade de médico, faz-se a descoberta de que as pessoas ocasionalmente adoecem precisamente no momento em que um desejo profundamente enraizado e de há muito alimentado atinge a realização. Então, é como se elas não fossem capazes de tolerar sua felicidade, pois não pode haver dúvida de que existe uma ligação causal entre seu êxito e o fato de adoecerem. (FREUD, 1914-1916, p.190).

A importância da arte como apoio para a observação das complexidades inerentes ao ser humano aflora em toda a literatura freudiana. Em referência, especialmente, a Shakespeare e Ibsen, aponta Peter Gay:

(...) Seus tratados, monografias e artigos demonstram suas amplas leituras, boa memória e exigente senso estilístico. Como sabemos, ele recorria com frequência a seus clássicos alemães favoritos, principalmente Goethe e Schiller, e a Shakespeare, que lhe colocava enigmas fascinantes e cujas obras era capaz de recitar extensamente em inglês quase perfeito. Autores espirituosos como Heinrich Heine e humoristas mais grosseiros como Wilhelm Busch forneciam-lhe ilustrações cáusticas. Mas, na escolha de seus favoritos, deixava de lado a vanguarda europeia de sua época; conhecia seu Ibsen, principalmente sob o aspecto de corajoso iconoclasta, mas parece ter tido pouco espaço para poetas como Baudelaire ou teatrólogos como Strindberg. (GAY, 2012 p.177).

Inicia-se com algumas considerações sobre desejo, culpa e frustração, em consonância com a proposta deste artigo e o texto freudiano sobre estudos de casos e de personagens considerados arruinados pelo êxito e suas consequências.

SOBRE O DESEJO

Desejo vem do latim *DESIDERIUM*, de *DESIDERARE*, “esperar por, desejar, ter expectativa, exigir”, cujo sentido original talvez tenha sido “esperar pelo que as estrelas trarão”, de *DESIDERE*, “dos astros, a partir dos astros”.¹

Somos sujeitos desejanter e o desejo é movimento. A falta total de desejo nos estagna, paralisa-nos. Ele se apresenta em várias dimensões: desde bebês, os humanos desejam o alimento, o colo, o acolhimento. Os primeiros contatos com esse OUTRO com função materna, independente de classificação de gênero, será determinante para toda a vida com relação às satisfações, frustrações e desejos.

As pulsões vitais estão intrinsecamente ligadas ao desejo. Este, que desde submetido à castração dos primeiros anos da existência, defrontar-se-á com impedimentos de fruição ao longo da existência, ou seja, não somos totalmente donos de nossos desejos. Ele está submetido sempre a ganhos e perdas em variados graus, dependendo das circunstâncias onde surge. Pergunta-se sobre o próprio desejo: Até onde o que eu desejo prejudica o outro? Então entram as questões étnico-culturais: O que é lícito em uma cultura, pode não ser em outra.

Não objetivamos nos ater a essa questão, mas consideramos pertinente questionar: quais aspectos se relacionam ao desejo ao longo de séculos? Como sociedades antigas lidavam com esse sentimento? Em Freud, faz-se bem demarcada a questão das histéricas em seus *Estudos sobre a histeria* (1893-1895). Por certo, muitos filósofos já se ocupavam em pensar sobre o desejo. Mas é Freud, junto aos seus pares, quem se detém aos estudos da mente e os sintomas do corpo.

No início, utilizavam a hipnose e, posteriormente, a fala para tratar os sintomas. Freud considera o desejo de falar nas mulheres em tratamento. Mais adiante, em *A Interpretação dos Sonhos* (2019, p.155), ele afirma que os sonhos são “a realização

¹ Disponível em: <origemdapalavra.com.br>. Acesso em: 15 Mai. 2021.

de um desejo”, mesmo aqueles que trazem incômodo ou sofrimento ao sonhador. Ainda sobre o sonho, ele pontua:

Trata-se de um fenômeno psíquico de pleno valor, é a realização de um desejo; deve ser inserido no contexto dos atos psíquicos compreensíveis da vigília; foi construído por uma atividade mental altamente complexa. (FREUD, 2019, p. 155).

Logo, inerente ao ser humano, o desejo está sempre buscando algo externo, na realidade, e se defrontando com obstáculos advindos das mais diversas fontes. Ou, como mostram estudos na área da psicopatologia, esses impedimentos podem advir de razões inconscientes, desconhecidas do ser desejante e, por muitas vezes, negada por ele. Diante de impossibilidades de fruição, o desejo é sublimado e deslocado para atividades aceitas pelas leis do superego, porém, atreladas às leis da sociedade.

Desse modo, para a psicanálise, esse é um meio eficaz de dirigir a energia libidinal para algo útil, construtivo e benéfico. Na sublimação de um desejo, o inconsciente lida com as aspirações do ID, sem se contrapor ao Superego.

SOBRE A CULPA

Culpa é um afeto que vem carregado de sentido de que provocamos algo desagradável a alguém e passamos a nos ocupar do pensamento, de forma contínua, de arrependimento pelo ato. Tomando o conceito *econômico*, conforme apontado por Freud em vários textos, surge a possibilidade de pensar: em que grau, em que intensidade ocorre a culpa? Como sujeitos-agentes e sujeitados a determinadas culturas, a culpa pode conter fatores determinados pelo contexto, ainda que, também, estritamente individuais.

Ou seja, ao lado dos fatores internos, tem-se a culpa gerada por dogmas, normas, religiosidade, entre outras fontes. Nos neuróticos, a culpa pode ser alimentada, mantida sem que se efetue a ab-reação, isto é, a diluição desse afeto. As consequências da retenção desse estado culposo podem ser variadas, desde angústia, ansiedade, medo, ou outros sintomas que incomodam. Ou seja, diluir a questão tentando uma retratação com aquele que foi alvo do ato gerador desse sentimento seria ideal.

Desde antigos relatos, entre eles o mito de Édipo, a culpa tem sido objeto de análise. Em suas conferências introdutórias, no capítulo 21, com o título “Desenvolvimento da libido e as organizações sexuais”, Freud aponta:

É indubitável que podemos ver no Complexo de Édipo uma das fontes mais importantes da consciência culpada que tanto atormenta os neuróticos. E digo mais: em um estudo sobre os primórdios da religião e da moralidade humanas, que publiquei em 1913, com o título de *Totem e Tabu*, avantei a hipótese de que talvez a humanidade como um todo tenha adquirido sua consciência de culpa- fonte última da religião e da moralidade- , no princípio de sua história, com o complexo de Édipo. (FREUD, 2014, p.441).

SOBRE A FRUSTRAÇÃO

Trata-se de um sentimento de que algum impedimento se antepôs ao desejo, ao planejado/almejado, permanecendo no nível mental sem experimentação na realidade. Assim, forças libidinais presentes no organismo buscam outros modos de satisfação. Dessa forma, inicia-se a sublimação, onde o sujeito efetua uma troca. Ao vazio provocado pela falta, o ideal é que se busquem alternativas possíveis na própria realidade. Uma variedade de motivos leva a esses deslocamentos: desde a insatisfação nas esferas da sexualidade, profissional, relação familiar, entre outras, que se tornam causas de adoecimento quando o EU (ego) permanece estagnado em um embate com a realidade, gerando conflito. Sobre isso, explana Freud:

[...] O adoecimento por impedimento também pode ser encarado do ponto de vista da incapacidade de adaptação à realidade, a saber, ao fato de a realidade impedir [*versagt*] a satisfação da libido. O adoecimento sob as condições do segundo tipo conduz diretamente a um caso especial de impedimento. Pois é certo que a realidade não impede todo tipo de satisfação, mas justamente aquela que o indivíduo declara como a única possível para ele, e o impedimento não parte diretamente do mundo exterior, mas primariamente de determinadas aspirações do EU; no entanto, o impedimento segue sendo o fator mais comum e mais abrangente [...] (FREUD, 2020, p.75).

Esses embates são inerentes à vida e necessária se faz a superação, o recomeço, a renovação das aspirações. Isso se dá no âmbito das situações corriqueiras do cotidiano até as consideradas mais complexas e elevadas. Ainda que dependente de conceitos pré-determinados socialmente, o grau de idiosincrasia, isso é, daquilo que é inerente ao sujeito, determinará como lidar com as frustrações. Frustrar-se é lidar com perdas e desprazer.

Estar sujeitado a demandas e ser contrariado nos seus desejos força a busca da tolerância à exposição desses eventos. A maneira como o sujeito é afetado por eles é fator determinante para a sua saúde mental. Abdicar de seu gozo é submeter-se à castração, esse dispositivo que inscreve os limites do humano, de sua finitude. A perda, sob certo ângulo, dependendo do objeto perdido, aproxima-se da morte ou apagamento. É um fenômeno dinâmico no sentido de que está sujeito a variantes dos ambientes em diferentes épocas.

Na atualidade, é marcante a intolerância à frustração. O discurso dominante na cultura ocidental moderna e outras mais conservadoras, mas afetadas por ela, é de evitar a insatisfação, o *princípio de realidade* e manter-se no *princípio do prazer*. Afinal, a oferta de mercadoria e corpos é marcante. Isso se dá tanto no âmbito de liberação sexual, quanto na submissão dos corpos ao Estado, pela via do trabalho, promovendo um discurso hipnótico, dominador e que é fonte constante de frustração, onde a economia determina e controla o desejo dos sujeitos modernos /pós-modernos do século 20/21.

ESTUDO DE CASOS EM CONSULTÓRIO

BREVE HISTÓRICO DOS DOIS CASOS DE PACIENTES APRESENTADOS POR FREUD

Em um caso, uma mulher bem nascida abandona a família para viver uma vida mais livre, mais mundana. Ao conhecer um pintor, une-se a ele, mas mantém um conturbado relacionamento com a família do artista. Após alguns anos de relacionamento, finalmente, é aceita por eles. Nesse período de aparente calma, a mulher passa a descuidar de si e da casa, prejudica a profissão do pintor e, com crises de ciúmes, arruína o relacionamento. Ao final, sucumbe a uma doença mental.

No outro caso, um professor é convidado a ocupar a vaga de seu superior. Porém, quando a oportunidade desejada por ele há tempos surge, deprecia-se até cair vítima de melancolia, que o deixa incapaz por longo tempo.

ESTUDO DE CASO EM *MACBETH*, DE SHAKESPEARE

Voltando-se para a arte, Freud recorre, então, aos dois textos de gênero dramático. Sabe-se que, ao longo de toda a sua obra, o teórico valoriza os textos mitológicos e escritos de pensadores contemporâneos e de outras gerações. Entre estes está Shakespeare, considerado um grande intérprete da alma humana.

Macbeth é uma peça teatral de cinco atos, um texto impactante em que o tempo do drama é de uma semana e localizada na Escócia, no século XI. No primeiro ato, ao retornar de uma batalha, Macbeth é abordado por três bruxas que profetizam que ele será rei da Escócia. Contudo, elas dizem também que o trono seria herdado pelos filhos de Banquo, um súdito que acompanhava Macbeth. As bruxas partem do campo sem esclarecer a profecia, deixando-os confusos, pois também predizem que só será rei aquele que não tenha nascido do ventre de uma mulher. Macbeth,

enfurecido, volta ao castelo, desejando lutar para ocupar o trono do soberano que chegará em visita ao castelo onde ele e a mulher vivem.

No segundo ato, cena 2, conforme planejado pelo casal, o rei é assassinado por Macbeth que, inicialmente, mostrava-se inseguro para cometer o crime, mas é encorajado por sua esposa. A mulher ordena que ele seja forte, lave as mãos sujas de sangue e guarde a espada usada no ato. Ela diz:

- Quem gritava por esse modo? Ora, meu digno thane, relaxais vossas nobres energia considerando as coisas por maneira tão doentia. Arranjai um pouco de água para das mãos tirardes todas essas testemunhas manchadas. Por que causa trouxestes os punhais de onde se achavam? Precisam ficar lá. Tomai a pô-los em seus lugares e sujai de sangue os criados que ainda dormem. (SHAKESPEARE, 2002 p.38).

Para atingir seus objetivos, outros crimes são cometidos. Apesar do remorso, Macbeth não tem como recuar, uma vez que já havia ido longe demais. Se esteve apoiado pela esposa em sua fraqueza, agora é ela quem sucumbe. Da mulher forte, ativa e mordaz, surge uma Lady absorta em culpa, como se vê no quinto ato, cena I, onde a consorte perambula pela noite, demonstrando 'grande perturbação em sua natureza', segundo um médico chamado ao castelo por Macbeth: em uma cena marcante da peça (quinto ato, cena 1) ela diz: "- Aqui ainda há odor de sangue. Todo o perfume da Arábia não conseguiria deixar cheirosa esta mãozinha. Oh!Oh!Oh!" (SHAKESPEARE, 2002, p. 99). Nas cenas seguintes, a esposa comete suicídio e, após alguns episódios, Macbeth é derrotado e morto por seu antigo servo, Macduff, que não nascera do ventre de uma mulher, conforme profetizado pelas três bruxas no início da peça.

Freud encontrou em Lady Macbeth um bom exemplo para demonstrar o caráter enfraquecido diante da realização do ato, haja vista que, após apoiar o marido amedrontado pela culpa, a cônjuge passa a sofrer o drama de sua consciência, vindo a adoecer e suicidar-se. O que teria levado Lady Macbeth a sucumbir cheia de remorsos? Indaga Freud.

Entre as razões para a doença de Lady Macbeth, Freud encontra a infecundidade da personagem. Essa teoria é descartada pelo tempo dentro das ações (uma semana), considerado por Freud muito curto para o desenvolvimento do caráter dos personagens: “Não há tempo para que um longo desapontamento quanto às esperanças de nascimento de filhos faça a mulher sucumbir e leve o homem a uma fúria desafiadora”. (FREUD, 1914-1916, p.195).

O embate de Freud com esse texto é significativo, conforme relata Peter Gay:

[...] em geral, os interesses mais fortes de Freud assemelhavam-se suspeitamente a pressões exigentes e tensões não resolvidas. ‘Comecei a estudar Macbeth, que há muito tempo vinha me atormentando’, escreveu ele a Ferenczi em 1914, ‘sem ter até agora encontrado a solução’. (GAY, 2012 p.321).

Em seu questionamento, Freud relata:

E agora nos perguntamos: o que foi que quebrantou esse caráter que parecia ter sido forjado do metal mais rijo? Terá sido somente a desilusão—o aspecto diferente revelado pelo fato consumado --, e devemos inferir que, mesmo em Lady Macbeth, uma natureza originalmente dócil e feminina foi levada a um ponto de concentração e de alta tensão que não pôde suportar por muito tempo, ou devemos procurar indícios de uma motivação mais profunda, que tornará essa derrocada mais humanamente inteligível para nós? (FREUD, 1914-1917, p.193)

O remorso pelos atos cometidos é marcante na peça, agravado pelo regicídio. Com a proposta de estender esta pesquisa sobre o tema, busca-se em *Totem e Tabu* (1913-1914), no capítulo intitulado “*O tabu relativo aos governantes*”: “Se o seu rei é seu Deus, ele é, ou deveria ser também o seu protetor”. [FREUD, 1974, p.56].

Nesse mesmo capítulo, Freud menciona sobre a ambivalência emocional presente nas relações entre familiares e estende para as relações com os idolatrados-pessoas privilegiadas, que são, ao mesmo tempo, fonte de admiração e hostilidade.

Esse sentimento ambivalente, que já existia entre os selvagens (ou súditos) para com o seu rei, é bem semelhante à relação entre a criança e o pai, onde há, ao mesmo tempo, grande admiração e grande cobrança ou frustração, quando ele não atende as suas necessidades.

A representação da figura paterna pelo rei Duncan pode estar presente na peça quando Lady Macbeth esboça, no segundo ato, cena 2, a fraqueza de não haver cometido ela mesma o assassinato: "... Se não fosse parecer-se no sono com meu pai, eu própria o realizara.- Meu marido!" (SHAKESPEARE, 2002, p.36).

Os atos que trazem culpa e perturbam Macbeth e a Lady, provocando visões dos fantasmas do rei e de outros personagens à luz da ancestralidade e crenças que as envolvem, encontram embasamento neste escrito de Freud, em *Totem e Tabu*:

De acordo com as ideias primitivas, uma pessoa só morre se for morta – pela magia, quando não pela força -- e uma morte assim, tende naturalmente a tornar a alma vingativa e mal-humorada. Tem inveja dos vivos e anseia pela companhia dos velhos amigos; não é de admirar, portanto, que envie doenças para causar a morte deles... (FREUD,1974, p.75).

Ao matar o soberano (sagrado) que deveria ser protegido pelos súditos, os personagens violam leis e a maior punição está em suas próprias consciências. Um afeto muito intenso no drama, o medo, domina os personagens. Macbeth é acometido por visões de espectros assassinados por ele. Medo que, por ele superado, passa a afligir a esposa. Em ensaio de Marilena Chaui:

Temos medo dos vivos e dos mortos. Dos subterrâneos infernais de onde sobem espectros rondando a festa imerecida. *Macbeth*: Por certo, homem sou que ousa encarar sem pavor o que ao demônio empalideceria. *Lady Macbeth*: ... Imagens vãs que vosso medo cria [...]. Ó estes desvarios, senhor, estes vossos temores, diante do medo real nada são, meros impostores [...]. *Macbeth*: Olhai, vos peço. Vede ali. Olá? Que dizes? Hein? Ora! que importa a mim? Se é que tua cabeça podes mover, também podes falar. Principia. Se covas e sepulcros uma devolução deve fazer dos que lá deixamos, então será nosso túmulo o papo do milhano? *Macbeth*: Eu o vi,

tão certo como estou aqui senhora...Tudo o que o homem pode ousar, ousar. E te enfrento...Toma um corpo qualquer, menos o humano e meus nervos fiéis não temerão, decerto. Quando não, volta à vida e à espada e, no deserto, convida-me a lutar. Se vires que medroso no palácio me escondo, então podes dizer que sou fantoche das crianças. Fora! Fora! Sombra horrenda! Visão Irreal!... (CHAUI, 1987, p. 38-39).

Sobre a frustração, Freud nos diz que pode ser de origem interna ou externa. O conflito se dá quando a frustração externa encontra um ego debilitado, isto é, internamente enfraquecido. Se o princípio do prazer predominar na psique, esta sofrerá, pois necessita se defrontar com o princípio de realidade. A neurose, o sofrimento com sinais de culpa ou inaptidão para realização do desejo, apossa-se do indivíduo. Esse desejo, na verdade, era só fantasia e não é aceito como realizável. Uma das consequências desses conflitos é a autossabotagem. “Eu desejo, mas não mereço” é o pensamento que vem do inconsciente. Para melhor entendimento do processo:

Por conseguinte, a frustração interna está potencialmente em todos os casos, só que não entra em ação até que a frustração externa real tenha preparado terreno para ela. Nos casos excepcionais em que as pessoas adoecem por causa do êxito, a frustração interna atua por si mesma; na realidade, só surge depois que uma frustração externa foi substituída por realização de um desejo. À primeira vista, há algo de estranho nisso, mas, por ocasião de um exame mais detido, refletiremos que não é absolutamente incomum para o ego tolerar um desejo tão inofensivo na medida em que ele só existe na fantasia e cuja realização parece distante; pelo contrário, porém, o ego se defenderá ardentemente contra esse desejo tão logo este se aproxime da realização e ameaça tornar-se realidade. A distinção entre isso e as situações comuns na formação da neurose consiste meramente em que, via de regra, são as intensificações internas da catexia libidinal que transformam a fantasia, até então merecedora de pouca consideração e tolerada, num oponente temido, ao passo que nesses casos o sinal para a irrupção do conflito é dado por uma mudança externa real. (FREUD, 1914- 1916, p.191).

ESTUDO DE CASO EM *ROSMERSHOLM* DE IBSEN

Ao recorrer à outra peça para entendimento da questão, Freud escreve:

Se fomos incapazes de responder por que Lady Macbeth sucumbiu após seu êxito, talvez tenhamos uma oportunidade melhor passando à criação de outro grande dramaturgo que muito parecia acompanhar com inflexível rigor problemas de responsabilidade psicológica. (Ibidem, 1914-1916, p.196).

Rosmersholm é uma peça de quatro atos, performada em 1887. A personagem, Rebecca West, é uma aventureira e livre pensadora que foi educada por Dr. West, acreditando ser seu pai adotivo que a educou para ser livre de dogmas religiosos. Após a morte do médico, ela se emprega na residência dos Rosmer, um casal que vivia de forma tradicional, sem alegria na casa. A mulher, inválida, é induzida por Rebecca ao suicídio. Ela desejava ocupar o lugar da esposa de Rosmer. Entretanto, não assume essa relação, quando isso é possível. Importante ponto da trama se dá quando, em conversa com outro personagem que os visita, Rebecca descobre que, de fato, Dr. West era seu pai verdadeiro e, por haver sido sua amante, a moça se agita em sofrimento.

O motivo obscuro que a impede de assumir a relação íntima com Rosmer, segundo Freud, tem sua origem no Complexo de Édipo, resultando na culpa.

Não se trata de uma versão enfeitada das coisas, mas de uma descrição autêntica. Tudo que lhe aconteceu em *Rosmersholm*, sua paixão por Rosmer e sua hostilidade para com a esposa dele, foi, desde o começo, uma consequência do complexo de Édipo- uma réplica inevitável de suas relações com sua mãe e com Dr. West. (ibidem, p.200).

Um conflito desconhecido da consciência que aflora diante de realização do desejo. Algo que estava no estágio da fantasia e que o ego não suporta. O recalcado que impede que toda a energia psíquica, libidinal, encontre vias de fruição. De forma inconsciente, o ego “sente” não ser digno de tal ganho.

Pode-se também expressar adequadamente o significado do conflito psíquico dizendo que à frustração *exterior* deve-se somar, para que tenha efeito patogênico, a frustração *interior*. Frustrações exterior e interior referem-se, naturalmente a diversos caminhos e objetos. A frustração

exterior retira uma possibilidade de satisfação; a interior deseja excluir outra possibilidade, e em torno desta irrompe, então, o conflito... (Ibidem, 1916-1917, p.465).

Observa-se que, tanto em *Macbeth*, quanto em *Romersholm*, a figura paterna está presente. A personagem Lady Macbeth diz que o rei dormindo lembrava muito seu pai, por isso não o esfaqueou. Já Rebecca descobre ser seu verdadeiro pai o homem que ela julgava ser filha adotiva e com o qual teve relacionamento amoroso. Sobre esse ambiente familiar afetando a vida dos adultos temos em Freud:

[...] O trabalho psicanalítico nos ensina que as forças da consciência que induzem à doença, em consequência do êxito, em vez de, como normalmente consequência da frustração se acham intimamente relacionada com o complexo de Édipo, a relação com o pai e a mãe – como talvez, na realidade, se ache o nosso sentimento de culpa em geral. (FREUD, 1914-1916, p.201).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentou-se, neste artigo, a questão freudiana sobre aqueles indivíduos que, na iminência de realizarem seus desejos, declinam e sofrem por não os levarem adiante. A energia libidinal e as forças pulsionais envolvidas na busca dão lugar aos afetos de frustração e culpa. Conforme Freud, as razões para que isso aconteça são complexas e, proeminentemente, de ordem interna e, ainda, remontam à infância na fase do Complexo de Édipo. Nessa perspectiva, o adulto apresenta um ego enfraquecido que não suporta vivenciar aquilo que estava no âmbito da consciência, ou seja, inconscientemente, o sujeito não admite vivenciar, trazer para a realidade, algo que desejava. Esse fato se dá nas mais variadas instâncias – desde questões de relacionamento amoroso, até as relações familiares, assim como nos projetos de ascensão profissional ou outras inúmeras posições desejantes –.

Neste sentido, para que esse fenômeno aconteça, é necessário que forças externas encontrem um ego enfraquecido que não se considera merecedor de tal ganho. Aqui, algumas pontuações foram feitas sobre a primazia da arte, em especial a

literatura, nos postulados freudianos. Além dos casos apresentados, dois textos da dramaturgia foram tomados como estudo por Freud, em seu texto *Arruinados pelo êxito*, que possibilitou a confecção deste artigo.

Além dos casos e das obras expostas por Freud, podemos observar exemplos extraídos do cotidiano. Desde pequenos, acidentes e até sintomas físicos que debilitam a pessoa a ponto de interferir, isto é, de impedir a obtenção de um cargo em um trabalho ou participar de uma festa que foi planejada. Sem gravidade, em alguns casos, mas com importante significado para os indivíduos.

Pensar sobre o desejo e a frustração nos dias atuais, na pós-modernidade/pós-verdade do século 21 – uma época especialmente ditada pelo consumismo onde o discurso que se impõe é que a felicidade está em desejar bens materiais e relacionamentos variados, de forma incessante – pode ser possível com base no texto freudiano, consideradas as devidas peculiaridades espaço-temporais. A produção em alta escala e as invenções rápidas e descartáveis convidam à troca constante de objetos. A fugacidade predomina, atribuindo-se pouco valor às relações mais longas, à contemplação calma, tanto de pessoas, quanto de coisas (objeto -REAL).

Os avanços tecnológicos e a velocidade das comunicações facilitam a vida moderna, mas também geram frustrações, devido à exposição constante de uma idealizada felicidade. Um mundo supostamente perfeito. Com isso, um narcisismo exacerbado predomina. A cobrança para atingir essa igualdade ou seguir o *mainstream* são altas, gerando uma baixa autoestima naqueles que não alcançam essas metas.

Tratou-se, neste artigo, de um texto freudiano multifacetado e atemporal que dialoga com seus textos-pares sobre desejo, frustração, culpa e medo como fontes de sofrimento. O inconsciente agindo na recusa de desfrutar do desejado, do que a consciência vê como justa obtenção, merecida satisfação, mas apenas na fantasia e não em sua realização.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Os sentidos da paixão/Sérgio Cardoso...** [et al.], Companhia das Letras, São Paulo, 1987.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Edição Standard brasileira. Vol. XIV. Rio de Janeiro, 1996.

FREUD, Sigmund. (1856-1939) **Neurose, psicose, perversão**. Tradução Maria Rita Salzano Moraes. 1. Ed; 5. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Obras Incompletas de Sigmund Freud; 5)

----- **Totem e tabu e outros trabalhos**. Vol. XIII. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974.

----- **Conferências introdutórias à psicanálise**. Vol. XIII [1916-1917]. Companhia das Letras, São Paulo, 2014.

GAY, Peter. **Freud uma vida para o nosso tempo**. Companhia das Letras. São Paulo, 2012.

IBSEN, Henrick. **Rosmersholm**. Apud. Freud. **Arruinados pelo êxito**, 1996.

SHAKESPEARE, William. **Macbeth**. Ed. Ridendo Castigat Mores.ebookLibris. Fonte digital: www.jahr.org. 2002.